

# JORNALISMO LITERÁRIO COMO DISCIPLINA:

Além de Tom Wolfe<sup>1</sup>

Copyright © 2018  
SBPjor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

RICHARD LANCE KEEBLE

*University of Lincoln, Lincoln – Reino Unido*

ORCID: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1126

DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1126

**RESUMO** – A publicação do livro de Tom Wolfe *The New Journalism*, em 1973, foi o momento fundamental para a formação do jornalismo literário como disciplina acadêmica. Wolfe celebrou o trabalho de mais de 20 jornalistas contemporâneos, apelidando-os de “novos jornalistas” e identificando seus principais elementos de escrita. Contudo, sua concentração em técnicas individuais (que se mostrou tão influente no desenvolvimento do jornalismo literário no ensino superior) decisivamente segregou a consideração de elementos como ideologia e economia política, promovendo uma forma problemática de elitismo cultural. Ao explorar a economia política do jornalismo literário, este artigo identifica semelhanças entre a formação do inglês como disciplina acadêmica no Reino Unido nos séculos XVIII e XIX e o lançamento do jornalismo literário nos Estados Unidos nos anos 1970 e 1980. E para ajudar o jornalismo literário a expandir seus horizontes e a inspirar-se em uma gama muito mais ampla de disciplinas acadêmicas, o artigo argumenta a favor de sua democratização radical.

**Palavras chave:** Jornalismo literário. Disciplina acadêmica. Democratização. Economia política. Tom Wolfe.

## LITERARY JOURNALISM AS A DISCIPLINE: Tom Wolfe and beyond

**ABSTRACT** – The publication of Tom Wolfe's *The New Journalism* in 1973 was the seminal moment for the formation of literary journalism as an academic discipline. Wolfe both celebrated the work of more than 20 contemporary journalists whom he dubbed “new journalists” and identified the main elements of their writings. But his concentration on their individual techniques (which has proved so influential in the development of literary journalism in higher education) crucially marginalized consideration of such elements as ideology and political economy, and promoted a problematic form of cultural elitism. In exploring the political economy of literary journalism, this paper will identify similarities

between the formation of English as an academic discipline in the UK in the 18th and 19th centuries and the launch of literary journalism in the US in the 1970s and 1980s. And to help literary journalism expand its horizons and draw inspiration from a much wider range of academic disciplines, the paper will argue for its radical democratization.

**Key words:** Literary journalism. Academic discipline. Democratization. Political economy. Tom Wolfe.

## **EL PERIODISMO LITERARIO COMO DISCIPLINA: Tom Wolfe y más allá**

**RESUMEN** – La publicación del libro *The New Journalism* de Tom Wolfe, en 1973, fue el momento fundamental para la formación del periodismo literario como disciplina académica. Wolfe celebró el trabajo de más de 20 periodistas contemporáneos a los que denominó “nuevos periodistas” e identificó los principales elementos de sus escritos. Pero su concentración en sus técnicas individuales (que ha demostrado ser tan influyente en el desarrollo del periodismo literario en la educación superior) marginó de manera crucial la consideración de elementos como la ideología y la economía política, y promovió una forma problemática de elitismo cultural. Al explorar la economía política del periodismo literario, este trabajo identificará similitudes entre la formación del inglés como disciplina académica en el Reino Unido en los siglos XVIII y XIX y el lanzamiento del periodismo literario en los Estados Unidos en los años setenta y ochenta. Y para ayudar a que el periodismo literario amplíe sus horizontes y se inspire en una gama mucho más amplia de disciplinas académicas, el periódico defenderá su radical democratización.

**Palabras clave:** Periodismo literario. Disciplina académica. Democratización. Economía política, Tom Wolfe.

### **1. O legado misto do *New Journalism* de Wolfe**

A publicação do livro de Tom Wolfe, *O Novo Jornalismo* (*The New Journalism*), em 1973 – reunindo o trabalho de jornalistas (grande parte homens, brancos e estadunidenses) como Truman Capote, Joan Didion, Barbara Goldsmith, Michael Herr, Norman Mailer, George Plimpton, Gay Talese e Hunter S. Thompson – provou ser o momento fundamental na formação do jornalismo literário como disciplina acadêmica. Ali estava um jornalista (que incrível!) refletindo sobre sua prática, identificando vários elementos do estilo único que ele promovia (nada menos que o novo jornalismo) – e sendo, ao mesmo tempo, altamente combativo e confiante.

No entanto, o legado de Wolfe não é isento de problemáticas. O “poder extraordinário” do novo jornalismo literário, disse ele, derivava principalmente de quatro dispositivos:

- Construção de cena, “contando a história movendo-se de cena em cena e recorrendo o mínimo possível a mera narrativa histórica”;
- Diálogo realista que “envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso”; “estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso”;
- O “ponto de vista da terceira pessoa”; “a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta”;
- O registro dos “gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia a dia que possam existir dentro de uma cena”. Estes, disse ele, eram as partes simbólicas do *status de vida das pessoas* (Wolfe, 1973, pp. 46-47, itálico no original, tradução nossa).

A ênfase de Wolfe nas técnicas literárias teve uma enorme influência na evolução dos estudos do jornalismo literário. Mais seriamente, ela levou ao distanciamento de áreas igualmente importantes, como a ideologia e a economia política. A consideração do público e do mercado e seu lugar na indústria cada vez mais globalizada (corporativa ou não corporativa) também foi minimizada. Os estudos de jornalismo literário tenderam a destacar, criticar e frequentemente celebrar as *técnicas únicas* de determinados escritores e a ignorar as *continuidades ideológicas* que atravessam seus trabalhos. Significativamente, as cinco definições destacadas na Declaração da Missão da Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário (a International Association for Literary Journalism Studies – IAJLS) concentram-se na técnica. Uma de tais definições, por exemplo, parte da revista *Granta*<sup>2</sup>: “A arte e o ofício da reportagem – jornalismo marcado pela descrição vívida, o olho do romancista na forma e o relato de testemunha ocular, que revela verdades ocultas sobre pessoas e eventos que moldaram o mundo que conhecemos”; o próprio Wolfe é o último citado, dizendo que é um “jornalismo que seria lido como um romance... ou um conto”. A declaração termina enfatizando a “necessidade de contar narrativas jornalisticamente empoderadas pelo uso de técnicas literárias” (<https://ialjs.org/>). De fato, Wolfe talvez tenha traído seu “conservadorismo” cultural e sua riqueza (em comparação à vasta maioria de seus leitores) em sua referência a “criados” enquanto identificava os vários elementos do status de vida.

## 2. Novo Jornalismo e o momento imperial estadunidense

O efeito do *new journalism* foi mais ou menos como o de um pequeno terremoto no solo fértil da cultura ocidental: os efeitos posteriores ainda são sentidos. A comunidade acadêmica estadunidense e, num grau muito menor, os acadêmicos britânicos, foram os primeiros a responder. Uma série de textos altamente influentes surgiu, consolidando a posição do jornalismo literário como um estilo distinto. Estes incluem Sims (1984), Sims & Kramer (1995), Campbell (2000), Kerrane & Yagoda (1997), Hartsock (2000), Treglown & Bennett (1998), Applegate (1996), Talese & Lounsbury (1995) e Berner (1998).

Como podemos explicar esse extraordinário florescimento do padrão do jornalismo literário liderado pelos estadunidenses (e alguns britânicos ao fundo)? Susan Sontag nos lembra da importância de colocar nossa compreensão de estilos literários e artísticos em seu contexto histórico e geográfico:

[...] a noção de estilo, genericamente considerada, tem um significado histórico específico. Não é só que os estilos pertencem a um tempo e lugar; é que nossa percepção do estilo de uma determinada obra de arte está sempre carregada de uma consciência da historicidade da obra, seu lugar em uma cronologia (Sontag, 1967, p. 18, tradução nossa).

Em parte, e de formas complexas, pode-se argumentar que a consciência emergente e a celebração do jornalismo literário como um gênero nas décadas de 1970 e 1980 foi uma manifestação do poder político, cultural e ideológico dos Estados Unidos (como líder capitalista do Ocidente, em seu confronto com a comunista União Soviética) na época. Como Edward Said comenta:

Tão influente tem sido o discurso insistindo na especialidade, altruísmo e oportunidade estadunidenses, que o imperialismo nos Estados Unidos como palavra ou ideologia só apareceu rara e recentemente em relatos da cultura, política e história dos Estados Unidos. Mas a conexão entre política imperial e cultura na América do Norte, em particular nos Estados Unidos, é surpreendentemente direta (Said, 1993, tradução nossa).

Mais tarde, em seu texto seminal, *Culture and Imperialism*, Said expandiu sua ideia:

A conexão entre política imperial e cultura é surpreendentemente direta. As atitudes estadunidenses em relação à "grandeza", às hierarquias da raça, aos perigos de *outras* revoluções (a

revolução estadunidense sendo considerada única e inimitável em qualquer outro lugar do mundo) permaneceram constantes, ditaram, obscureceram as realidades do império, enquanto apologistas dos interesses estadunidenses no exterior insistiram na inocência estadunidense, fazendo o bem, lutando pela liberdade (Said, 1994, p. 7, tradução nossa).

O trabalho do teórico francês de mídia Pierre Bourdieu também é relevante aqui. Reconhecido como o principal teórico da autonomia jornalística, ele também argumenta que nos países capitalistas avançados do Ocidente, o campo jornalístico estava cada vez mais sujeito às restrições da economia e da política (Bourdieu, 2005, p. 38).

A emergência do jornalismo literário também é vista como parte de uma grande mudança na cultura, política e sociedade estadunidense durante a década de 1970. Como comenta Schulman:

A década reformulou o cenário político de maneira mais dramática que a década de 1930. Nas relações raciais, religião, vida familiar, política e cultura popular, a década de 1970 marcou o divisor de águas mais significativo da história moderna dos EUA, o início do nosso próprio tempo (Schulman, 2001, p. xii, tradução nossa).

Enquanto a década testemunhou o escândalo Watergate e a queda do presidente Richard Nixon (1974), o infame fim da Guerra do Vietnã com a retirada de Saigon (1975), duas tentativas de assassinato do presidente Ford em 17 dias (1975) e a crise dos reféns do Irã (1979), os Estados Unidos permaneceu um país de contradições (Brick, 1998). Pois, diante de toda essa adversidade, um espírito patriótico poderoso – e frequentemente crítico – brilhava por meio da cultura. De fato, a grande maioria dos artigos apresentados na coleção de 1973 de Wolfe & Johnson concentrava-se em tópicos distintamente estadunidenses.

Além disso, havia uma riqueza de talentos literários entre os jornalistas estadunidenses que Tom Wolfe destacou em *O Novo Jornalismo*. Uma série de periódicos de prestígio – como *Atlantic Monthly*, *New Yorker*, *Esquire*, *Village Voice*, *Rolling Stone*, *New York Magazine* – estavam à disposição para publicar seus escritos. Ademais, havia uma comunidade acadêmica com uma tradição de longa data de estudos de jornalismo (nas vertentes prática e teórica) e uma série de professores universitários criativos, altamente inteligentes, dispostos a assumir riscos e determinados a explorar e expandir as ideias inspiradoras do texto de Wolfe (Keeble, 2015).

### 3. A economia política do inglês como disciplina

É interessante comparar a história do inglês como um objeto de estudo em universidades com a história do jornalismo literário e identificar os fatores históricos, políticos e econômicos cruciais que influenciam ambos.

Isso porque o surgimento do estudo do inglês, essencialmente, acompanhou a ascensão britânica à proeminência como uma potência capitalista global e imperial no final do século XVIII e no início do XIX. O estudo foi, na verdade, uma das muitas manifestações do domínio cultural e ideológico dos valores imperiais britânicos na época. Significativamente, um dos primeiros defensores registrados do ensino de inglês foi Adam Smith (1703-1790), o eminente filósofo, economista e escritor escocês que lançou as bases da clássica teoria econômica de livre mercado. De fato, a abordagem de Smith à literatura inglesa estava de acordo com suas teorias sobre a necessidade de desenvolver uma economia de mercado livre para atender às necessidades de uma cidadania independente e competitiva. Acima de tudo, ele enfatizou que o treinamento em literatura “servia a uma função utilitária específica para os filhos da classe média” (Kijinski, 1993, p. 339). Estudar literatura inglesa era uma maneira de ensinar a conduta, não como os humanistas da Renascença antes dele haviam feito como uma medida de “aprendizado educado” para os filhos da aristocracia, “mas como um jeito de transcender distinções de refinamento baseadas na classe e promover a cidadania inglesa” (Ibid.).

O inglês como disciplina acadêmica também foi institucionalizado no Reino Unido em escolas técnicas e centros de educação para adultos. Alguns críticos argumentaram que o inglês era literalmente o “clássico dos pobres”, uma forma de oferecer educação para aqueles que nunca frequentariam faculdades públicas como Oxford ou Cambridge (History of English as a Discipline). Os aspectos políticos permaneceram sempre em primeiro plano: nos primeiros dias da disciplina, a ênfase era a solidariedade entre as classes sociais, o orgulho nacional e o cultivo de valores morais. Com efeito, uma das principais funções do inglês era ajudar a prevenir a agitação social (History of English as a Discipline). A ascensão do inglês também acompanhou o surgimento das mulheres como ativistas políticas, sociais, educacionais e culturais como Terry Eagleton comenta (com uma pitada de ironia):

Os efeitos “suavizantes” e “humanizadores” do inglês, termos usados recorrentemente por seus primeiros idealizadores, estão dentro dos estereótipos ideológicos existentes de gênero claramente feminino. A ascensão do inglês na Inglaterra corria paralelamente à admissão gradual das mulheres às instituições de ensino superior e porque o inglês era um tipo de assunto inesgotável, preocupado com os sentimentos mais finos e não com os tópicos mais viris da *bona fide* das disciplinas acadêmicas (Eagleton, 1983, pp. 27-28, tradução nossa).

O poeta e crítico cultural inglês Matthew Arnold (1822-1886) foi nomeado membro do Oriel College (Oxford), em 1845, e desempenhou um papel importante no desenvolvimento do inglês (Bacon, 1986). Das raízes britânicas, a disciplina se espalhou na segunda metade do século XIX para a América do Norte, países europeus como França e a Alemanha, e para colônias ao redor do mundo. O surgimento do inglês foi associado ao declínio da religião (com textos seculares substituindo os bíblicos) – e isso certamente criou tensões, por exemplo, entre os missionários cristãos na Índia. Entre 1852 e 1853, um relatório do comitê parlamentar selecionou a promoção dos interesses materiais britânicos na Índia e estratégias para a representação do conhecimento ocidental como “objetivo, universal e racional” (Viswanathan, 1987, p. 95). Como membros do Conselho de Educação, o historiador Thomas Babington Macaulay (1800-1859) e seu cunhado, Charles Trevelyan (1807-1886), estavam entre os envolvidos na seleção e análise de textos para o currículo de inglês provar a “Benevolência difusa do cristianismo” neles (Viswanathan, 1987, p. 96). Assim os missionários foram conquistados para apoiar a inclusão dos textos no currículo indiano, convencidos de que as obras “eram apoiadas em sua moralidade por um conjunto de evidências que sustentavam a fé cristã” (Ibid.). Cátedras acadêmicas, sindicatos, cursos de especialização, a publicação de revistas acadêmicas e de livros didáticos, a identificação de um cânone literário dominante e princípios pedagógicos, a criação de definições de trabalho estão entre os elementos cruciais para a formação de um discípulo acadêmico distinto. E todos esses recursos como o inglês foram incorporados nos currículos ao redor do mundo.

#### **4. O surgimento lento do jornalismo literário como disciplina**

Os primeiros ensaios dos estudos literários americanos surgiram na década de 1920, quando o American Literature Group foi

criado dentro da Modern Language Association (fundada em 1883) e lançou sua própria revista científica. Hélène Cottet (2016) diz:

Demorou, portanto, um tempo relativamente longo para o estudo da literatura estadunidense ser estruturado de acordo com os critérios de profissionalização e especialização defendidos pela moderna universidade de pesquisa – talvez o indicador mais revelador desse atraso seja o fato de a Johns Hopkins University, fundada em 1876, e modelo para futuras universidades de pesquisa nos Estados Unidos, recrutou seu próprio especialista em literatura americana somente em 1941 (Cottet, 2016, p. 4, tradução nossa).

Hesitante, então, o jornalismo literário (chamado também de literatura de não ficção ou não ficção criativa) surgiu como uma subdisciplina dos *American studies* por meio do trabalho de Tom Connery, da Ohio State University, e Norman Sims, autor da obra *The Literary Journalists* (1984), na Universidade de Massachusetts (Amherst), na década de 1970.

Na Grã-Bretanha, paradoxalmente, apesar da tradição do jornalismo literário remontar a Daniel Defoe (1660-1731) e vários dos primeiros textos fundamentais sobre o jornalismo literário terem sido feitos por acadêmicos britânicos, ele tem sido muito lento a emergir como uma disciplina nas universidades. Como Jenny McKay (2011) escreve:

O que os cursos universitários no Reino Unido geralmente não incluem no nível de graduação ou pós-graduação é qualquer consideração séria do jornalismo como um ramo da literatura. Entre as exceções há um curso ministrado na Universidade de Stirling até o outono de 2009, um módulo em um curso de mestrado na Universidade de Lincoln e o mais recente mestrado em jornalismo literário na Universidade de Strathclyde, em Glasgow (McKay, 2011, p. 52, tradução nossa).

Hoje a situação é bem diferente. Digite “jornalismo e escrita criativa” (“Journalism and Creative Writing”) no banco de dados do Serviço de Admissões de Universidades e Faculdades (Universities and Colleges Admissions Service – UCAS) do Reino Unido e aparecem informações sobre 77 cursos de graduação; no nível de pós-graduação existem 13 programas. Para “jornalismo de revista”, que incorpora redação de matérias especiais/estilo long-form/escrita imersiva, existem 11 programas de graduação e 11 de pós-graduação.

Segundo Isabel Soares, da Universidade de Lisboa, Portugal, o jornalismo literário ainda não é uma disciplina autônoma<sup>3</sup>. Na França, John S. Bak, professor da Université de Lorraine, comenta



sem rodeios: “Quanto ao jornalismo literário como disciplina na França, ele não existe”<sup>4</sup>. Na Austrália, Matthew Ricketson & Sue Joseph (2015) registram a introdução do programa “Contemporary Writing Practice: Creative Non-Fiction”<sup>5</sup> na University of Technology Sydney em 1999, e o curso de jornalismo literário no Royal Melbourne Institute of Technology (RMIT)<sup>6</sup>, no ano de 2000. A formação do IALJS em uma conferência em Nancy, França, em 2006 foi outro momento fundamental, pois ajudou a inspirar o desenvolvimento tanto do estudo do gênero quanto de seu ensino como uma disciplina acadêmica em todo o mundo. De acordo com David Abrahamson, da Medill School of Journalism da Northwestern University: “O que pode ser chamado de ‘literary journalism studies’ começou a se parecer com uma legítima disciplina acadêmica por volta de 2010 ou 2011, após a sexta conferência anual da IALJS em Bruxelas, Bélgica.”<sup>7</sup>

## 5. O declínio do império estadunidense e o jornalismo literário

Nos últimos anos, acompanhando de maneira interessante o declínio do império estadunidense e as intervenções desastrosas no Afeganistão, Iraque, Líbia, Somália, Chade, Iêmen e outros lugares, a ênfase nos estudos de jornalismo literário tem tentado fugir dos EUA/Reino Unido ao aderir e incorporar perspectivas globais (Keeble, 2015, p. 152). Trabalhos recentes na *Literary Journalism Studies* incluíram estudos focados na África do Sul, França, Alemanha, Polônia, Argentina, Austrália e Rússia.

Os textos acadêmicos também estão enfatizando cada vez mais a disseminação internacional do jornalismo literário. Os dois volumes do *Global Literary Journalism: Exploring the Journalistic Imagination* (Keeble & Tulloch, 2012, 2014)<sup>8</sup> trazem capítulos sobre Brasil, Canadá, Cabo Verde, Finlândia, França, Índia, Irlanda, Oriente Médio, Noruega, Portugal, Suécia, além do Reino Unido e dos Estados Unidos. O livro de John C. Hartsock, *Literary Journalism and the Aesthetics of Experience* (2016)<sup>9</sup>, embora concentrado em autores estadunidenses, baseia-se numa gama eclética de teóricos internacionais, como Mikhail Bakhtin, Wolfgang Iser, Friedrich Nietzsche e Viktor Shklovsky, cobrindo um grande número de escritores do leste e oeste europeu. Da mesma forma, em *Witnessing the Sixties: A Decade of Change in Journalism and Literature*<sup>10</sup>, com

edição de Frank Harbers, Ilja van den Broek e Marcel Broersma (2016), é explorada nos capítulos a convergência da ficção e do jornalismo em obras australianas, alemãs, holandesas, flamengas e estadunidenses. Além de dois textos sobre o papel do humor no jornalismo (Keeble & Swick, 2015; Swick & Keeble, 2016) com o objetivo de destacar a importância do humor nas investigações acadêmicas e na pedagogia do jornalismo, que abordam países tão diversos quanto Austrália, Brasil, Reino Unido, Canadá, Chile, Espanha, México, Filipinas e Estados Unidos.

## 6. viajando além do “terreno disputado” do jornalismo literário

O profissionalismo, as administrações acadêmicas e a organização do currículo normalmente exigem clareza disciplinar. No entanto, o jornalismo literário é no fundo um termo confuso. De fato, tem em sua essência uma qualidade provisória que captura muitas das incertezas e contradições da situação do escritor atual, como observou o crítico britânico Mark Lawson: “Vivemos em uma cultura de borrões e híbridos” (Lawson, 2008, tradução nossa). Muito tempo é gasto em uma interminável discussão sobre definições e terminologias (já que a política implícita do profissionalismo exige isso) quando realmente o borrão da disciplina deve ser celebrado! Como John Tulloch e eu argumentamos,

[...] ao invés de um gênero estável ou família de gêneros, o jornalismo literário define um campo onde diferentes tradições e práticas de escrita se cruzam, um terreno disputado dentro do qual várias práticas de escrita sobrepostas – entre elas coluna jornalística, memórias, sketches, ensaio, narrativas de viagens, histórias da vida, narrativas do “crime verdadeiro”, história “popular”, reflexão cultural e outros modos de escrita – acampam com inquietação, disputando as barricadas do vizinho e consertando alianças temporárias (Keeble & Tulloch, 2012, p. 3, tradução nossa).

Com acadêmicos de jornalismo duelando com colegas de estudos literários, um número crescente de noções surgiu à margem: não ficção criativa, narrativa de não ficção, literatura de não ficção, jornalismo narrativo, jornalismo *long-form*, *book-length journalism*; ainda mais recentemente o *slow journalism* (jornalismo lento) – e assim por diante. Cada vez mais, um tom de irritação é evidente. Ricketson e Joseph destacam a “guerra oculta e obscura” sobre as definições do jornalismo literário e concluem: “O debate vem arrastando-se há

anos e, francamente, não está chegando a lugar nenhum” (Ricketson & Joseph, 2015, p. 27, tradução nossa).

A obsessão com definições de gênero e clareza disciplinar também importou, pode-se argumentar, que o jornalismo literário tem sido lento em abraçar uma vasta gama de perspectivas potencialmente excitantes. Política, propaganda, estudos culturais, psicologia, estudos de humor, teorias ideológicas, história, estudos narrativos, economia política, estudos de computador/internet, pesquisa de *fandom*<sup>11</sup>, ética da mídia, sociologia, etnografia, estudos coloniais e pós-coloniais, estudos de gênero e raça, tudo isso apareceu de alguma forma na pesquisa de jornalismo literário até hoje. Mas acredito que, sem as restrições disciplinares, os resultados da fertilização cruzada de ideias teriam sido muito mais proveitosos.

## 7. Adição da política ao jornalismo literário

Tomemos como um exemplo específico a reportagem do australiano Antony Loewenstein para ver como uma abordagem política pode expandir nossa compreensão de seu trabalho e do jornalismo literário em geral. Grande parte de sua reportagem é para sites alternativos como *New Matilda*, *CounterPunch* e *Green Left Weekly*. Seu documentário para a ABC Radio National, *A Different Kind of Jew*,<sup>12</sup> de 2010, foi finalista do prêmio Media Peace da ONU. E seu livro, *Profits of Doom: How Vulture Capitalism Swallowing the World* (2013)<sup>13</sup> foi acompanhado por um documentário, *Disaster Capitalism*, sobre ajuda, desenvolvimento e política no Afeganistão, Haiti e Papua Nova Guiné.

A análise de seu trabalho poderia se concentrar em suas técnicas de escrita: por exemplo, entrevistas e conversas face a face, viagens a lugares remotos, confiança em vazamentos de informação, capacidade de sintetizar um amplo conjunto de fontes e seu uso dos recursos da primeira pessoa (Keeble, 2018). Mas isso perderia o aspecto essencial de sua reportagem que, acima de tudo, reflete uma postura ativista política. Como ele diz na introdução de *Profits of Doom*, “tenho orgulho de ser ativista e jornalista” (Loewenstein, 2013, p. xvi, tradução nossa). Nisto, ele segue na linha de uma tradição de jornalismo ativista destacada por John Pilger em seu livro *Tell Me No Lies* (2004)<sup>14</sup>, praticada por profissionais como Wilfred Burchett,

Jessica Mitford e Seymour M. Hersh (no período de 1945 a 1970) a Felicity Arbuthnot e Jo Wilding, nos dias de hoje.

O ativista é muito diferente do jornalista em campanha. Muitas mídias corporativas (nacionais e locais) veiculam campanhas: proibir sacolas plásticas gratuitas, salvar o hospital local, descriminalizar a maconha e assim por diante. A campanha é, então, consistente com as noções de “autonomia profissional e independência” (Keeble, 2009, pp. 10-11, tradução nossa). O jornalista ativista, por outro lado, vê todo jornalismo como essencialmente político – dada a economia política da mídia e sua proximidade com as forças econômicas, culturais e ideológicas dominantes – e vincula abertamente seu envolvimento político na sociedade com seu jornalismo (Keeble, 2010).

Assim, Loewenstein, em *Profits of Doom*, visita o local da multinacional de energia Woodside, a usina de US \$40 bilhões de gás natural liquefeito (GNL) em James Price Point, a 60 quilômetros ao norte de Broome, Austrália Ocidental, acompanhada por representantes da Wilderness Society, uma ONG dedicada ao meio ambiente, combate às mudanças climáticas e manutenção de ar e água limpos (Loewenstein, 2013, p. 63). E quando ele investiga o Curtin Immigration Center, declara seu viés político desde o início viajando com Caroline Fleay, professora do Centro de Educação em Direitos Humanos da Curtin University e uma “defensora incansável dos solicitantes de asilo” (Loewenstein, 2013, p. 63, tradução nossa).

O ativismo também informa o estilo de escrita de Loewenstein – que tem sempre a intenção de destacar os aspectos políticos, históricos e globais de suas investigações. Para ele, a privatização de centros de detenção, guerra e inteligência, desde os acontecimentos do 11 de setembro, são fenômenos globais e só podem ser plenamente compreendidos por meio de uma crítica radical do capitalismo: “Cada lugar que investigo é cultural, político e socialmente diferente, mas o que os conecta é que estão sujeitos à ideologia predatória das corporações com o objetivo de ganhar dinheiro em escala global” (Loewenstein, 2013, p. 63, tradução nossa).

A postura ativista de Loewenstein permeia toda a sua reportagem, mas é particularmente evidente no final de suas investigações, quando ele se entrega abertamente a reflexões político-retóricas. Por exemplo, no final do capítulo sobre o Afeganistão, ele escreve:

Um futuro diferente para o Afeganistão deve ser forjado, no qual a ajuda é acoplada à soberania. Projetos de troféus devem ser abandonados e a vontade do povo afegão deve ser respeitada. A construção de instituições civis e políticas, sem que empresas estrangeiras com fins lucrativos estejam intimamente envolvidas no processo, é vital (Loewenstein, 2013, p. 168, tradução nossa).

## **8. Relação inquietante do jornalismo literário com a prática de jornadas**

Voltando à problemática do jornalismo literário, sua *raison d'être* como disciplina acadêmica separada leva a um relacionamento desconfortável com o mundo real da prática jornalística. Sou jornalista no Reino Unido desde 1970 e nunca ouvi um colega descrever-se como um “jornalista literário” ou “escritor criativo de não ficção”. A maioria consideraria qualquer discussão dos termos alienantes: abstrata demais, acadêmica e irrelevante. Significativamente, todos os membros de um painel de altos jornalistas austríacos na conferência anual em Viena em maio de 2018 da IALJS disseram que acharam o termo inútil.<sup>15</sup>

Sue Joseph, em suas discussões com os jornalistas na Austrália, geralmente reluta em adotar o termo “não ficção criativa” - ou outro qualquer (Joseph, 2017). Três dos autores favoritos de Joseph - David Marr, Helen Garner e Chloe Hooper - chegaram a se recusar de participar [da obra]. O repórter de guerra de *Fairfax*, Paul McGeough, o primeiro dos entrevistados de Joseph, está claramente desinteressado no debate. “Eu nunca pensei sobre isso”, diz ele. “Além do repórter jornalista, nunca tentei me definir” (Joseph, 2017, p. 3). Margaret Simons, que ganhou o Prêmio Walkley de Jornalismo de Equidade Social por seu ensaio “Fallen Angels” em 2007, diz que “odiava” o termo não ficção criativa. Ela prefere termos como “jornalismo sujo”, “jornalismo desinteressado” e até mesmo “objetividade com besteira” (Joseph, 2017, p. 132)<sup>16</sup>. De forma significativa, a única pessoa que entende seriamente a questão de Joseph sobre a definição de não ficção criativa é o colega acadêmico John Dale (Joseph, 2017, p. 98)!

## **9. O enfrentamento do elitismo inerente ao jornalismo literário**

No coração do jornalismo literário, a problemática é o seu elitismo inerente, que precisa ser confrontado. Historicamente, como

apontei anteriormente, fatores complexos (culturais, ideológicos, políticos) estão por trás do baixo status do jornalismo no contexto mais amplo da cultura (Keeble, 2007). Como resultado, o jornalismo lutou por muito tempo para ser considerado uma disciplina acadêmica digna e gênero merecedor de atenção especial por seus elementos literários. Até recentemente, o jornalismo de escritores como Charles Dickens, George Sand, Oscar Wilde, Willa Cather, DH Lawrence, George Orwell, Mahatma Gandhi, Marguerite Duras, Mary McCarthy, RK Narayan e Angela Carter não merecia atenção da academia.

Diante do status cultural geralmente baixo do jornalismo, os defensores do jornalismo literário o promoveram como uma forma superior de jornalismo. Como John Tulloch e eu escrevemos na “Introdução”, há uma coletânea de ensaios sobre o jornalismo literário em todo o mundo: “A adição de ‘literário’ ao ‘jornalismo’ pode ser visto como dignificando o último e dando-lhe um mínimo de classe cultural” (Keeble & Tulloch, 2012, p. 5, tradução nossa). Para cada grupo nacional de jornalistas literários há um modelo dominante: com alguns escritores (por exemplo, a bielorrussa ganhadora do Prêmio Nobel, Svetlana Alexievich) e periódicos (digamos, a *New Yorker*) são destacados como merecedores de análises sérias, críticas e celebração. Paralelamente, na academia, os estudos de jornalismo literário são de algum modo elevados acima das atividades mais mundanas dos acadêmicos de jornalismo. Eles se ocupam em ensinar aos alunos como basear animadas introduções e histórias bem estruturadas nos prazos e usar as tecnologias de mídia em constante mudança, enquanto os colegas do jornalismo literário refletem as questões literárias, éticas e epistemológicas mais profundas enterradas nos textos.

Tudo isso não é negar, é claro, que os debates sobre “qualidade” continuam sendo centrais nos estudos de jornalismo literário. Ao contrário, o objetivo é estender as definições do “bom” para abranger um corpo de escrita muito mais amplo.

## **10. Resposta radical 1: democratizando o gênero**

Em resposta à condescendência da academia em relação ao jornalismo como um campo legítimo para estudo, deveríamos argumentar que, de fato, todo o jornalismo merece atenção como literatura. Fora do cânone, fora mesmo da noção de jornalismo

literário como um gênero separado! E fora de todos esses tediosos debates sobre o que precisamente constitui o jornalismo literário que entorpeceu tantas conferências ao longo dos anos. Imediatamente, o problema dos acadêmicos confrontando jornalistas com um conceito com o qual se sentem desconfortáveis é resolvido. Seu trabalho torna-se interessante - não porque se enquadre em um gênero específico (que precisa ser cuidadosamente explicado), mas por causa de seus elementos literários inerentes.

Mas, você pode se perguntar, como um jornalismo de tabloide pode ser considerado literatura? Tomemos como exemplo arbitrariamente escolhido e extremo uma manchete do *The Sun* (20 maio 2011). Este tabloide britânico sensacionalista foi adquirido por Rupert Murdoch em 1969, e sua mistura de animação, amoralidade, fofocas de celebridades, esportes e promiscuidade (juntamente com política de extrema direita) ajudou a garantir a maior circulação diária de jornal no Reino Unido. A manchete diz: “Nitwit hits Twitter with writ” (“O tolo acerta o Twitter com um mandado”, tradução nossa) acima de uma matéria sobre um astro do futebol que ganhou uma liminar para esconder seu caso com uma estrela de reality show e que está “loucamente” processando a rede social Twitter. Observe como ele brinca com a linguagem usando trocadilhos e aliterações - quase chegando à poesia! Mas o artifício por trás da “poesia” do jornal é parte de seu apelo. Seu humor contribui para a abordagem hedonista geral do tabloide. Ninguém (nem mesmo o papa, a rainha ou o primeiro ministro) pode escapar de sua sagacidade.

Uma análise mais aprofundada poderia examinar o uso do vernáculo pelo título, seu viés, seu reflexo de valores e ideologia de notícias dominantes, a economia política do jornal e seu papel crucial de propaganda no vasto império global de mídia de Murdoch. E assim por diante. De fato, que riquezas intelectuais devem ser obtidas quando o grande cânone do jornalismo literário for desmantelado, abrindo vastas faixas de produção jornalística (anteriormente ignoradas pela academia) ao escrutínio! Na edição de 5 de outubro de 2017 do jornal *The Sun*, uma matéria sobre uma operária cujo chefe escreveu uma rima sobre seus seios em seu cartão de aniversário de 40 anos e ganhou indenização de 10 mil libras foi intitulada: “Titty ditty not so witty” (A cantiga dos peitos não é tão espirituosa)<sup>17</sup>. Certamente, muitas questões literárias/noticiosas a serem exploradas criticamente, ali também!

## 11. Resposta radical 2: democratizando a disciplina

Se todo o jornalismo deve ser visto como merecedor de atenção como literatura, segue-se que essa estratégia de democratização pode ser aplicada ao jornalismo literário como uma disciplina. Em outras palavras, as cercas que separam as várias especialidades da academia precisam - na medida do possível - ser derrubadas: todos os professores de jornalismo precisam ver os elementos criativos e imaginativos do campo. Inglês, escrita criativa, programas de jornalismo muitas vezes operam completamente separados uns dos outros. As colaborações precisam se desenvolver - com o objetivo final de derrubar as barreiras disciplinares.

Hoje as universidades são instituições altamente burocratizadas e, em muitos aspectos, inflexíveis, e é improvável que essas mudanças aconteçam por muitos anos. No entanto, medidas radicais já estão sendo tomadas - na Europa e na América do Norte - para formar instituições de ensino superior fora de um setor público cada vez mais hiperespecializado e voltado para o mercado, baseado em princípios cooperativos, de justiça social, não hierárquicos e ecológicos (Matthews, 2014). Muitas vezes, nessas universidades, não apenas a separação de disciplinas é desafiada, mas até mesmo aquela entre aluno e professor - com todos os participantes sendo vistos como “acadêmicos”. Há a Free University Brighton,<sup>18</sup> Manchester Social Science Centre,<sup>19</sup> Leicester Peoples University,<sup>20</sup> e a Ragged University Edinburgh.<sup>21</sup> Nos EUA, a Tampa Free Skool;<sup>22</sup> no Canadá a Edmonton Free School;<sup>23</sup> na Espanha, a Mondragon University.<sup>24</sup> E isso são apenas alguns exemplos. Os comentários interessantes da The Lincoln Social Science Centre, instituição progressista de ensino superior: “Todas as aulas são participativas e colaborativas para fundamentar a investigação a partir das experiências e dos conhecimentos dos participantes. [...] um dos principais princípios orientadores do Centre é que ‘professores’ e ‘estudantes’ têm muito a aprender uns com os outros (tradução nossa)”<sup>25</sup>.

## 12. Conclusões

O estudo do jornalismo literário também se concentrou demais nas técnicas literárias e marginalizou a consideração igualmente importante da economia política e da ideologia. Além



disso, os estudos de jornalismo literário não conseguiram dar atenção adequada ao assunto como uma disciplina acadêmica que se concentra muito em seu desenvolvimento como gênero. Por que o jornalismo literário como disciplina surgiu no Reino Unido neste período específico e não antes? Quão importantes são os fatores políticos/econômicos? Na França há uma vasta tradição de jornalismo literário na indústria e, no entanto, ainda está para emergir como uma disciplina acadêmica? Por quê?

O desenvolvimento da disciplina certamente foi perseguido por constantes disputas epistemológicas na academia e perplexidade na indústria. A solução radical promovida neste ensaio - considerar todo o jornalismo (e não apenas o texto do corpo, mas também as manchetes, as legendas e os comentários iniciais) merecedores de serem considerados como literatura - certamente tem implicações pedagógicas significativas. Durante mais de trinta anos de ensino de jornalismo, sempre perguntei aos meus novos alunos por que eles escolheram o curso. Praticamente todos vêm com a mesma resposta: “Porque eu gosto de escrever”. Em outras palavras, o impulso criativo/imaginativo está por trás do bug jornalístico. E essas dimensões criativas/literárias que tentei incorporar em todo o meu ensino (e escrevendo sobre) prática jornalística. Tomemos, por exemplo, uma história convencional de *hard news*: há a concisão e o imediatismo na introdução (capturando o valor da notícia); o tom geral a considerar, o uso de citações (para investir a cobertura com um elemento de “interesse humano”); o manuseio frequentemente sutil da atribuição; talvez a breve descrição de uma pessoa ou lugar; a inserção, apropriadamente, de *background*, contextualizando informações; a atenção ao estilo específico da publicação; a estruturação clara do relato. E assim por diante.

Quebrar os limites disciplinares no ambiente de ensino superior hiperespecializado de hoje não será fácil. Mas, como indicado acima, existem muitas iniciativas fora do sistema desafiando as ideologias acadêmicas dominantes. Há espaço para otimismo.

\* Tradução do inglês: Aline Albuquerque, Eduardo Lira, Pâmela Ramos, Vinicius Figueiredo e Vinicius Said

## NOTAS

- 1 Este ensaio é adaptado de um paper que será publicado na *Literary Journalism Studies* 10.2 (2018, no prelo).
- 2 (N.T.) A *Granta* é uma revista literária britânica.
- 3 Em e-mail para o autor, 14 set. 2017.
- 4 Em e-mail para o autor, 14 set. 2017.
- 5 (N.T.) Em português *Prática da escrita contemporânea: não ficção criativa*.
- 6 (N.T.) Em português, Instituto Real de Tecnologia de Melbourne.
- 7 Em e-mail para o autor, 13 set. 2017.
- 8 (N.T.) Em português, *Jornalismo literário global: explorando a imaginação jornalística*.
- 9 (N.T.) Em português, *Jornalismo literário e a estética da experiência*.
- 10 (N.T.) Em português, *Testemunhando os anos 1960: uma década de mudanças no jornalismo e na literatura*.
- 11 (N.T.) *Fandom* é o diminutivo da expressão em inglês *fan kingdom*, que significa “reino dos fãs” em português.
- 12 (N.T.) Em português, *Um tipo diferente de judeu*.
- 13 (N.T.) Em português, *Lucros do Destino: Como o Capitalismo dos Abutres está Engolindo o Mundo*.
- 14 (N.T.) Em português, *Não me conte mentiras*.
- 15 Título do painel: “Jornalismo literário nas trincheiras” na 13ª conferência da IALJS em Viena, 17 maio 2018.
- 16 Martha Nandorfy, em sua resenha de *Behind the Text*, de Sue Joseph, comenta ironicamente (e entre parênteses) sobre os comentários de Simons: “E me pergunto se esses títulos poderiam realmente aumentar as matrículas de alunos” (Nandorfy, 2017, p.148).

- 17 (N. T.) Em inglês, “Titty Ditty” refere-se à canção que uma stripper escolhe para fazer sua dança.
- 18 Recuperado de [www.theguardian.com/education/2013/jan/28/free-university-movement-excluded-learners](http://www.theguardian.com/education/2013/jan/28/free-university-movement-excluded-learners).
- 19 Recuperado de [sscmanchester.wordpress.com/](http://sscmanchester.wordpress.com/)
- 20 Recuperado de [leicesterpeoplesuni.wordpress.com/](http://leicesterpeoplesuni.wordpress.com/)
- 21 Recuperado de [www.raggeduniversity.co.uk/](http://www.raggeduniversity.co.uk/)
- 22 Recuperado de [freeschoolsproject.wikispaces.com/Tampa+Free+Skool](http://freeschoolsproject.wikispaces.com/Tampa+Free+Skool)
- 23 Recuperado de [www.facebook.com/Edmonton-Free-School-183622781751794/](http://www.facebook.com/Edmonton-Free-School-183622781751794/)
- 24 Recuperado de [www.mondragon.edu/en](http://www.mondragon.edu/en)
- 25 Recuperado de [socialsciencecentre.org.uk/about/](http://socialsciencecentre.org.uk/about/)

## REFERÊNCIAS

- Applegate, E. (1996). *Literary journalism: A biographical dictionary of writers and editors*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Bacon, A. (1986). English literature becomes a university subject. *Victorian Studies* 29(4), 591-612.
- Berner, R. T. (1998). *The literature of journalism: Text and context*. New York: Strata.
- Campbell, K., ed. (2000). *Journalism, literature, modernism*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Bourdieu, P. (2005). The political field, the social science field and the journalistic field. In R. Benson & E. Neveu (Eds.). *Bourdieu and the journalistic field* (pp. 29-47). Cambridge: Polity.
- Brick, H. (1998). *Age of contradiction: American thought and culture in the 1960s*. Ithaca: Twayne.
- Cottet, H. (2016) American schools of interdisciplinarity: history

and literature programs and their early twentieth century traditions. *European Journal of American Studies*, 11 [online]. DOI: 10.4000/ejas.11407

Eagleton, T. (1983). *Literary theory: An introduction*. Oxford: Blackwell.

Harbers, F., Broek, I. van den, & Broersma, M. J. (2016). *Witnessing the sixties: A decade of change in journalism and literature*. Leuven: Belgium Peeters Publishers.

Hartsock, J. C. (2000). *A history of American literary journalism*. Amherst: University of Massachusetts Press.

Hartsock, J. C. (2016). *Literary journalism and the aesthetics of experience*. Amherst: University of Massachusetts Press.

History of English as a discipline. *Foundation Fundamentals of Literature and Drama*. Retrieved from [https://resource.acu.edu.au/siryan/Academy/Foundation/English\\_As\\_Discipline.htm](https://resource.acu.edu.au/siryan/Academy/Foundation/English_As_Discipline.htm).

Joseph, S. (2017). *Behind the text: Candid conversations with Australian creative nonfiction writers*. Melbourne: Hybrid Publishers.

Keeble, R. (2007). Introduction. In R. Keeble & S. Wheeler (Eds.), *The journalistic imagination: Literary journalists from Defoe to Capote and Carter* (pp. 1-14). Abingdon, Oxon: Routledge.

Keeble, R. (2009). *Ethics for journalists*. 2<sup>nd</sup> ed. London and New York: Routledge.

Keeble, R. (2010). Peace journalism as political practice: A new, radical look at the theory. In R. L. Keeble, J.

Keeble, R. (2015). Afterword: literary journalism – the personal and the political. *Australian Journalism Review*, 37(2), 151-55.

Keeble, R. (2018). Putting the politics into investigative journalism. In J. Mair & R. L. Keeble (Eds.), *Investigative journalism today: Speaking truth to power* (pp. 67-74). London: Bite-Sized Books.

Keeble, R. L. & Swick, D. (2015). *Pleasures of the prose: journalism and humour*. Bury St. Edmunds: Abramis.

Keeble, R. L. & Tulloch, J. (Eds.) (2012). *Global literary journalism: Exploring the journalistic imagination*, Vol. 1. New York: Peter Lang.

Keeble, R. L. & Tulloch, J. (Eds.) (2014). *Global literary journalism: Exploring the journalistic imagination*, Vol. 2. New York: Peter Lang.

Kerrane, K. & Yagoda, B. (Eds.) (1997). *The art of fact: A historical anthology of literary journalism*. New York: Simon and Schuster.

Kijinski, J. L. (1993). The rise of English studies. *English Literature in Transition, 1880-1920* 36(3), 339-342.

Lawson, M. (2008). I heard the news today, oh boy. *Guardian*, 5 April.

Loewenstein, A. (2013). *Profits of doom: How vulture capitalism is swallowing the world*. Melbourne: Melbourne University Press.

Matthews, D. (2014). Altogether now: higher education and the cooperative model. *Times Higher Education*, August 14. Retrieved from <https://www.timeshighereducation.com/news/all-together-now-higher-education-and-the-cooperative-model/2015066.article>.

McKay, J. (2011). Reportage in the UK: A hidden genre? In S. Bak & B. Reynolds (Eds.), *Literary journalism across the globe: Journalistic traditions and transnational influences* (pp. 47-60). Amherst and Boston: University of Massachusetts Press.

Nandorfy, M. (2017). The implications of genre in nonfiction: review of *Behind the text* by Sue Joseph. *Literary Journalism Studies* 9(1), 143-51.

Pilger, J. (2004). *Tell me no lies: Investigative journalism and its triumphs*. London: Jonathan Cape.

Ricketson, M. & Joseph, S. (2015). Literary journalism: looking beyond the Anglo-American tradition. *Australian Journalism Review* 37(2), 27-31.

Said, E. (1993, February 10). *Culture and Imperialism*. Lecture at York University, Toronto. Retrieved from <http://saia.york.org/saia-blog/2014/9/29/edward-saids-lecture-at-york-university>.

Said, E. (1994). *Culture and imperialism*. London: Vintage.

Schulman, B. J. (2001). *The seventies: The great shift in American culture, society, and politics*. New York: The Free Press.

Sims, N. (Ed.). (1984). *The literary journalists*. New York: Ballantine Books.

Sims, N. & Kramer, M. (Eds.). (1995). *Literary journalism: A new collection of the best American nonfiction*. New York: Ballantine.

Sontag, S. (1967). *Against interpretation*. London: Eyre & Spottiswoode.

Swick, D. & Keeble, R. L. (2016). *The funniest pages: International perspectives on humor in journalism*. New York: Peter Lang.

Talese, G. & Lounsbury, B. (1995). *Writing creative nonfiction: The literature of reality*. New York: HarperCollins.

Treglown, J. & Bennett, B., eds. (1998). *Grub Street and the ivory tower: Literary journalism and literary scholarship from Fielding to the internet*. Oxford: Clarendon Press.

Viswanathan, G. (1987). The beginnings of English literary study in British India. *Oxford Literary Review* 9(1 and 2). Retrieved from <https://www.uibk.ac.at/anglistik/staff/davis/the-beginning-of-english-literary-study-in-british-india.pdf>.

Wolfe, T. & Johnson, E. W. (Eds.). (1973). *The new journalism*. New York: Harper and Row.

**Richard Keeble** é professor de jornalismo na Universidade de Lincoln (Reino Unido) e professor visitante na Liverpool Hope University (Reino Unido). Ele escreveu e editou 39 livros sobre uma ampla gama de tópicos relacionados à mídia, incluindo *Global Literary Journalism* (v. 1 e 2), co-editados com John Tuloch. E-mail: [rkeeble@lincoln.ac.uk](mailto:rkeeble@lincoln.ac.uk)

RECEBIDO EM: 31/05/2018 | ACEITO EM: 29/09/2018